

O IMAGINÁRIO DA “CIDADE DOS PIT-DOG”: PENSANDO A PESQUISA DA COZINHA

THE IMAGINARY OF THE “CITY OF PIT-DOGS”: THINKING ABOUT KITCHEN RESEARCH

EL IMAGINARIO DE LA “CIUDAD DE LOS PIT-DOGS”: PENSAR EN LA INVESTIGACIÓN EN COCINA

Gabriel Sulino Martins¹

RESUMO

Este artigo investiga o contexto sociocultural da cozinha de “Pit-Dog” em Goiânia, Goiás, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos a esses estabelecimentos por trabalhadores(as/e) e consumidores(as/e). A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na etnografia como teoria vivida, a pesquisa explora as relações entre memória, identidade e cidade, com ênfase nas transformações provocadas pela pandemia de COVID-19. Discute-se o “Pit-Dog” como espaço de produção simbólica e afetiva, reconhecido como patrimônio cultural imaterial e elemento constitutivo do imaginário coletivo sobre o “ser goiano”. O trabalho também considera os desafios metodológicos da pesquisa em contextos de crise sanitária e os caminhos possíveis da etnografia no ciberespaço.

Palavras-chave: “Pit-Dog”; memória; identidade; cidade.

ABSTRACT

This article aims to explore the sociocultural context and how to research workers and consumers related to the “Pit-Dog” kitchen in Goiânia, Goiás. To approach this qualitative research, we will use ethnography to identify the variables surrounding this relationship between subjects, the kitchen, and the context, based on theories that refer to the anthropology of consumption and food. From this perspective, in this article, we intend to establish some theoretical dialogues on the topic, facing the 2021 pandemic, focusing on research on the “Pit-Dog” kitchen.

Keys-words: “Pit-Dog”; memory; identity; city.

¹ Mestre em Antropologia Social. Pesquisador do Grupo de Estudo em Consumo, Cultura e Alimentação da Universidade Federal de Goiás (GECCA-UFG), do Centro de Ciência e Tecnologia em Segurança e Tecnologia em Soberania Alimentar e Nutricional da Região Centro-Oeste (Centro SSAN). Goiânia. Brasil. E-mail: sulinogabriel13@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7305-4010>

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo explorar el contexto sociocultural y cómo investigar a los trabajadores y consumidores relacionados con la cocina “Pit-Dog” en Goiânia, Goiás. Para abordar esta investigación cualitativa, utilizaremos la etnografía para identificar las variables que rodean esta relación entre los sujetos, la cocina y el contexto, basándonos en teorías que se refieren a la antropología del consumo y la alimentación. Desde esta perspectiva, en este artículo pretendemos establecer algunos diálogos teóricos sobre el tema, enfrentando la pandemia de 2021, centrándonos en la investigación sobre la cocina “Pit-Dog”.

Palabras clave: “Pit-Dog”; memoria; identidad; ciudad.

INTRODUÇÃO

O texto tem como objetivo apresentar fatos relacionados aos “Pit-Dogs” em Goiânia e discutir como se dá a pesquisa antropológica nesse contexto durante a pandemia. A partir deste problema, foram estabelecidos alguns pontos para a refletir sobre a localização da cozinha de “Pit-Dog” e sua importância para a cidade.

Nesse primeiro momento, o “Pit-Dog” é abordado como elemento do imaginário de quem consome e trabalha nesses espaços, representando diversos sentimentos e significados, como fome, felicidade, tradição, serviço, lanchonete, quiosque – um lugar em que as pessoas vão para se alimentar, composto por uma estrutura física geralmente constituída de metal, entre outros elementos. A partir da construção desse imaginário, a palavra “Pit-Dog” pode abarcar diferentes significados para distintos sujeitos. Pode se referir a quiosques localizados em parques, praças, logradouros, entre outros espaços públicos.

Trata-se de uma arquitetura aberta, em quase todos os lados, permitindo que o(a/e) consumidor(a/e) observe, se sente próximo ao local de preparo dos sanduíches e acompanhe o modo de fazer, caracterizado por práticas próprias e ingredientes historicamente construídos por sujeitos envolvidos com essa cozinha. O elemento central para a definição da cozinha de “Pit-Dog” é a comida produzida nesses espaços – especialmente o ‘x-salada’ –, que incorpora todos os significados atribuídos pelo imaginário dos coteorizadores em contraste com o olhar do antropólogo em campo.

O ‘x-salada’ ou o ‘x-tudo’ é um sanduíche composto por ingredientes padrão, como pão, tomate, alface, ovo, presunto, muçarela, hambúrguer, bacon, salsicha,

batata palha e milho. Já o ‘x-salada’, em sua versão mais simples, leva pão, hambúrguer, muçarela, alface, tomate e milho. No entanto, os ingredientes podem variar de um estabelecimento para outro, sendo comum a oferta de adicionais gratuitos, como abacaxi, cebola, cheddar ou catupiry. Na imagem abaixo, temos uma ilustração de um ‘x-tudo’ contendo um adicional grátis que é o abacaxi.

A maneira de fazer esse sanduíche também é importante para os trabalhadores desta cozinha. Nota-se que o pão é prensado na chapa para acentuar o sabor, e os ingredientes utilizados são frescos, como alface, tomate, abacaxi, entre outros. Normalmente, o hambúrguer é feito e temperado manualmente. Além disso, há molhos que acompanham o lanche, alguns com receitas próprias de preparo e que não são ultraprocessados, como o molho verde, um dos preferidos pelos(as/e) consumidores(as/e), considerado indispensável quando o lanche é servido. Também são oferecidos maionese, mostarda, barbecue e ketchup, que conferem um toque especial ao sabor final.

Os(as/e) consumidores(as/e) também podem escolher outros tipos de carne para compor seu sanduíche, como filé de frango, lombo e picanha. O “Pit-Dog” costuma dar nomes específicos a esses sanduíches conforme a carne utilizada, como: “x-frango”, “x-picanha”, “x-lombo”. Em coteorização com os sujeitos, é comum que peçam acompanhamentos, como bebidas variadas: cerveja, refrigerante, sucos e cremes. Os sucos e cremes são preparados com polpa da própria fruta, oferecendo diferentes opções de sabores. Já as cervejas e refrigerantes são disponibilizados em diferentes volumes e marcas.

Muitos dos “Pit-Dogs” estão presentes na capital de Goiás, Goiânia. Localizada na região Centro-Oeste do Brasil, com o bioma predominantemente do cerrado e clima tropical, a cidade é arborizada, com linhas de ônibus que conectam diversas regiões, além de contar com infraestrutura urbana composta por boates, cinemas, shoppings, entre outros. Diferentemente de outras capitais, Goiânia não possui metrô, mas oferece terminais de ônibus que integram a capital às cidades das regiões metropolitanas. O mapa abaixo ilustra essas cidades e a sua localização dentro do espaço metropolitano da cidade.



Figura 1. Fonte: Encontra Goiânia. Região Metropolitana de Goiânia [Internet]. Goiânia: Encontra Goiânia; [citado em 2023 Out 27]. Disponível em: <https://www.encontragoiania.com.br/sobre/regiao-metropolitana-goiania/>

Goiânia, em alguns artigos publicados em jornais eletrônicos, é mencionada como a “cidade dos Pit-Dogs”. Ao percorrer suas ruas, encontram-se inúmeros estabelecimentos que servem esse tipo de refeição em vários pontos da cidade. Contudo, eles não são apenas uma cozinha: são estabelecimentos que representam uma cidade.

Ao pensar nesta pesquisa, o olhar do(a/e) pesquisador(a/e) voltou-se para uma área central de Goiânia: a Rua 10. Ao caminhar por essa rua, é possível perceber os papéis sociais levantados por Velho¹, segundo os quais os bairros funcionam como províncias de significados, onde os sujeitos carregam e compartilham suas redes de significados, atribuindo sentidos ao espaço que habitam ou transitam, com base em crenças, regras e valores. Ao atravessar fronteiras entre os bairros, os indivíduos assumem papéis diversos, negociando suas identidades e os sentidos que atribuem ao cotidiano, por meio do imaginário, tanto de forma coletiva quanto individual. “Os indivíduos transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado, etc., com passagens às vezes quase imperceptíveis”¹.

Dessa forma, a cidade de Goiânia pode ser entendida como uma área delimitada e heterogênea ou, nos próprios termos de Frehse², como um espaço cuja existência é física – com logradouros e ruas – e também marcada por um povoamento humano. A Rua 10, em específico, integra um dos “braços” da Praça

Cívica, conectando a vias como as avenidas Anhanguera e Tocantins, duas das principais da cidade. A escolha desse campo se dá pela proximidade com o marco zero da cidade, local onde Pedro Ludovico lançou a pedra fundadora da capital^{3,4}. Vale lembrar que esta pesquisa é conduzida de maneira parcial, pois não existe possibilidade de abarcar a cidade em sua totalidade. No entanto, é possível observar alguns fragmentos e interpretar as lógicas sociais que nos ajudam a compreender Goiânia.

Podemos afirmar que, nestes locais, se encontra uma relação histórica inserida em um contexto sociocultural de trabalhadores(a/x) e consumidores(a/x), que constroem uma identidade e memória coletiva, e que pode nos revelar muito sobre a cidade e a construção imagética permeada por disputas de narrativas em torno do “Ser Goiano”, termo citado por Barbosa e Collaço⁵.

Ao se analisar o “Ser Goiano”, considera-se a construção de um imaginário de Estado construído por sujeitos que, por meio de uma trajetória histórica, contribuem para a formulação de diferentes perspectivas – envolvendo atores diversos e temas como fronteira, política, bandeira, entre outros. Assim, a construção do “Ser Goiano” atravessa o Estado e sua identidade, diferenciando-o de outros estados brasileiros, e essa diferenciação passa também pela culinária regional e seus pratos, em meio a disputas de memórias.

O que é produzido pela cozinha de “Pit-Dog” não escapa a esse processo. Esses e outros elementos serão abordados ao longo do texto, que tem por objetivo apresentar parte das razões pelas quais esses estabelecimentos e sua produção culinária são de grande importância para os(as/x) cidadãos(ãs/x) e para o próprio Estado. Trata-se de uma percepção inicial, que marca o início da entrada do(a/e) pesquisador(a/e) no campo de pesquisa.

FAZENDO O SANDUÍCHE

As questões que queremos enfatizar, já brevemente mencionadas na introdução, são memória e identidade. Porquanto, voltamos ao texto de Pollack⁶ que compreende a memória como uma construção histórica de indivíduos e grupos em um determinado espaço social. A memória individual – ou melhor, biográfica – caracteriza-se por sua relação com a história de vida do sujeito. Já a memória coletiva se concretiza a partir da união de memórias individuais em um determinado

grupo, sendo vivenciada por uma coletividade. Pollack também aponta que a memória é seletiva, pois certos aspectos históricos são escolhidos e inseridos em um quadro de memória, como forma de preencher uma lousa em branco. Por isso, Pollack⁷ ressalta a importância das negociações e disputas de memória para adentrar nesse quadro.

Por essas questões, Bosi⁸ afirma que essas narrativas falam no tempo e sobre o tempo, indo ao passado, retornando ao presente, e posteriormente, voltando ao passado – ressaltando que essas memórias são essenciais para a construção de sentimentos, ideias e valores sobre algo. Tais fatores também são centrais para a construção da identidade.

Nesse texto, compreende-se identidade como uma construção social, estando intimamente relacionada à memória. De acordo com Pollack⁶ nota-se que a memória é passada de geração em geração, influenciando o sentimento dos sujeitos e colaborando para a construção de uma “imagem de si, para si e para outros”. Essa imagem de si para os outros é um dos fatores principais na construção da identidade, que é criada em meio a conflitos dentro do grupo, a partir de memórias que são postas para definir qual destas permanece no quadro social. Nesse aspecto, Collaço⁹, em sua tese *Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*, apresenta essas questões a partir da experiência dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no período pós-abolição, especialmente do sul da Itália, para substituir a mão de obra escravizada, bem como os que vieram posteriormente. Ressalta-se que a construção da cidade de São Paulo está profundamente ligada à culinária, compreendendo a memória como parte da história da cidade e analisando como o consumo dos alimentos produzidos pela culinária italiana contribuiu para a formação de uma identidade através de disputas de memória e de cozinha.

Essas disputas narrativas de memória entre os grupos de italianos – os que chegaram antes e os que vieram depois –, colocam em questão a construção do “Ser italiano” enquanto identidade. Essa identidade, como vemos, está em constante negociação. Nenhuma tradição ou identidade é fixa; ela pode emergir da diferença, como propõe Alsayyad¹⁰, sendo permanentemente construída e reconstruída no imaginário coletivo. Os aspectos imaginários, por sua natureza, são fluidos e não

sólidos. Partindo desse pressuposto, temos a cozinha como um fator essencial. Por isso, Collaço⁹ define a cozinha enquanto:

A cozinha, então, representada nesses estabelecimentos estabelecerá diálogos não só com os comensais, mas também na forma como organiza seu abastecimento, o preparo da comida, quem a consome, como e quando; quem se encarrega de servir e limpar, mostrando que essas articulações terão implicações profundas na maneira de pensar a posição social do restaurante, seus donos e frequentadores.

Nisto, vemos que a cozinha tem relações históricas com os sujeitos na cidade – como a cozinha de “Pit-Dog”, que tem como perguntas: Quando se come? Por que se come? Onde se come? Quem come? Essas questões nos levam a pensar sobre classe social, etnia, memória, identidade e gênero. Por isso, é tão importante pensar a cozinha como objeto de estudo: nesses espaços, que são locais de comer fora de casa, surgem inúmeras variáveis relevantes para a pesquisa, como tradição, tempo, gosto, entre outras.

Em várias matérias de jornais eletrônicos, ao acessar conteúdos no ciberespaço sobre os “Pit-Dogs”, é comum encontrarmos o termo “tradicional”. O “x-salada”, por exemplo, é frequentemente mencionado como uma comida tradicional goiana, feita pela cozinha de “Pit-Dog” – embora existam semelhanças com outros Estados no modo de preparo e ingredientes. Como dito anteriormente, e respaldado por Abdala⁽¹¹⁾, é por meio da memória que se constrói uma identidade vinculada ao imaginário. Assim como Minas Gerais é comumente associada ao pão de queijo e ao feijão-tropeiro (embora esses pratos também existam em outros estados), as comidas produzidas pela cozinha goiana nos diferenciam simbólica e culturalmente, ainda que apresentem variações em outras regiões.

A construção da identidade está atrelada a diversos fatores, entre eles, a tradição. Alsayyad¹⁰ aponta que, nas cidades, tradições são constantemente construídas por sujeitos e grupos no seu cotidiano, ao longo do tempo. Essa construção se dá por meio de diálogos entre os membros de uma comunidade imaginária, que decide quais tradições devem ser mantidas, modificadas ou abandonadas. Anderson¹² define as comunidades imaginárias como uma construção social de uma imagem de si mesmo, contendo uma língua, espaços determinados, entre outros. Mesmo que seus membros não se conheçam, compartilham uma sensação de pertencimento e comunhão. É o caso da imagem construída pelos sujeitos sobre o que representa a cozinha goiana e o 'Ser Goiano'.

A identidade, portanto, faz parte da construção de uma comunidade imaginária. No caso, temos Goiânia como a capital reconhecida por ser a cidade dos “Pit-Dogs”, conforme dito anteriormente. Pode parecer ao(à/e) leitor(a/e) que este ponto esteja sendo reiterado, mas essa repetição é intencional e necessária, pois trata-se de um aspecto central para nossa análise. Porquanto, a cozinha de “Pit-Dog” e o seu famoso “x-salada” é tido como elementos tradicionais da cultura alimentar de Goiânia.

Em vista disso, ocorreu um movimento no sentido de reconhecer a prática de frequentar os “Pit-Dogs” como algo autêntico, tradicional e local. Em junho de 2021, o Projeto de Lei de número n. 178 de 2020, redigido por Sabrina Garcez do PSD (Partido Social Democrático), declarou a cozinha de “Pit-Dog” como patrimônio cultural imaterial do município de Goiânia. Ainda, em setembro de 2020, um outro projeto, elaborado pela deputada estadual do Partido dos Trabalhadores (PT), propôs o Projeto de Lei número n. 145, de 12 de março de 2020, reconhecendo a cozinha de “Pit-Dog” enquanto patrimônio cultural, imaterial regional do Estado de Goiás^(13,14). Esses dois projetos de leis, tanto no âmbito municipal quanto no estadual, evidenciam o quão importante é essa cozinha para o Estado. Podemos dizer que se trata de uma afirmação da identidade do “ser Goiano”, expressa por meio de uma tradição que pode ser mantida, repensada ou até mesmo extinta. Isso nos mostra a criatividade dessa comunidade imaginária para criar signos e significados próprios, referentes a suas crenças em comum.

Embora, o deferimento enquanto patrimônio cultural possa ocorrer por outros mecanismos além do ritual usado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o mecanismo estatal conduzido pelas câmaras municipal e estadual também utiliza categorias como material e imaterial – o que tem gerado preocupação entre alguns pesquisadores. Neste sentido, Martins¹⁵ afirma que o tangível está relacionado à materialidade da cozinha, como o sanduíche e os instrumentos do fazer culinário, enquanto o intangível está ligado à memória, ao sentimento e ao sabor.

De fato, a cozinha de “Pit-Dog” apresenta essa relação entre o tangível e o intangível, que se faz entre o significante e o significado. Porquanto, mesmo que algumas instituições apresentem modelos de diferenciação entre esses pólos, essa distinção não parece se sustentar plenamente quando aplicada à cozinha de “Pit-

Dog” – como se pode observar inclusive nos próprios documentos de deferimento dessa prática como patrimônio cultural.

Além disso, identificamos questões subjetivas que nos permitem compreender a cidade e parte de sua construção a partir da cozinha de “Pit-Dog”. Com isso, levantam-se as seguintes perguntas: Por que os consumidores consomem alimentos de cozinha de “Pit-Dog”? Por que continuam consumindo nestes estabelecimentos? Qual é a relação deles com o local como espaço de memória e que lembranças são evocadas? Qual o significado desse patrimônio cultural para os consumidores e trabalhadores deste local? Qual o diferencial dessa cozinha que faz o indivíduo continuar a consumi-la? Essas questões nos levam a pensar sobre como a cidade é impactada por essa prática alimentar e como podemos trabalhar com isto.

O título traz a capital enquanto “a cidade dos Pit-Dogs”, ou seja, essa cozinha representa um imaginário que contribui para a construção da noção de cidade. Isso se dá por meio das memórias biografias que, integradas a um quadro social de memórias coletivas, selecionam quais histórias devem permanecer e fazer parte da narrativa da cidade. Nesse sentido, Collaço⁹ traz, em sua tese, como a cozinha italiana faz parte da criação da cidade de São Paulo. Em Goiânia, a cozinha de “Pit-Dog” faz parte da criação da cidade, como uma tradição inventada e reinventada – que pode, eventualmente, desaparecer, mas que, sem dúvida, constitui uma parte marcante da cozinha goiana.

À vista disto, Velho⁽¹⁶⁾ entende a cidade como parte de uma sociedade complexa, na qual cada província de significados atribui seu sentido, com diferentes visões de mundo, pois, quando o antropólogo sai de sua casa depara-se com uma grande diversidade. Pontuando, Zukin¹⁷ acrescenta que, dentro da cidade, às reproduções de identidades configuram um ato de pertencimento de um sujeito a determinado grupo. Essas identidades são, muitas vezes, construídas pelo consumo de determinados bens – como a identidade abordada aqui, relacionada ao “ser goiano” –, construindo-se, assim, todo um imaginário por meio de memórias sociais, frequentemente condicionadas a bens culturais.

Através dessa comida, trazida por meio dessas receitas, é possível acionar uma memória afetiva relacionada ao alimento, levando o(a/e) consumidor(a/e) a relembrar momentos de sua história que envolvem tanto o alimento quanto a

cozinha. No caso em questão, trata-se da cozinha de “Pit-Dog”. Pertile¹⁸ caracteriza esse fato como *comfort food*, ou seja, comidas que nos fazem lembrar de bons momentos em nossas vidas, compondo uma memória coletiva que forma uma identidade social, perceptível ao longo do campo de pesquisa.

Ao adentrar o campo online, o(a/e) pesquisador(a/e) antropólogo(a/e) deve estar preparado para o que esse campo apresentar. Mas quais ingredientes devem ser escolhidos para a pesquisa em questão? Existem muitas possibilidades que podem ser consideradas. A pesquisa de cunho etnográfico se apresenta como qualitativa, isto é, adentra em um mundo de significados para entender as entrelinhas do objeto investigado¹⁹.

Nesta pesquisa, pensou-se, em um primeiro momento, na realização de um levantamento bibliográfico, por meio de leitura de artigos, dissertações, teses, livros etc. Posteriormente, entendeu-se a etnografia enquanto uma teoria vivida. Peirano^(20,21) não a entende apenas como um método, mas como um caminho que envolve conhecimentos produzidos e experiências compartilhadas através de livros, para outros(as/e) antropólogos(as/e) em campo, articulando teoria e prática. Assim, deixa-se de lado a concepção clássica que distingue etnografia enquanto produção de dados e etnologia como teoria, passando a vê-las como uma mesma experiência, ou seja, uma teoria vivida.

De acordo com Peirano²⁰ “desta perspectiva, etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação”. Por essas questões apresentadas ao(a/e) leitor(a/e), não se deve enxergar a etnografia apenas como um método e teoria – como muitos ainda fazem –, mas como uma experiência, um caminho a ser percorrido, uma teoria vivida.

Posto isto, neste texto deve-se atentar para essa questão, entendendo a etnografia como colaborativa, com base em uma análise coletiva por meio da colaboração entre pesquisador(a/e) e referências vivas. Parte-se da escolha das falas e onde inseri-las na dissertação, de como trabalhar com o tema no texto e de como dar lugar tanto à teoria desenvolvida pelas referências vivas quanto à do(a/e) antropólogo(a/e), em um diálogo em que se negocia a todo momento, perpassando por uma relação de alteridade entre ambos. Segundo Rappaport²², “entiendo la co-teorización como la producción colectiva de vehículos conceptuales que retoman

tanto a un cuerpo de teorías antropológicas como a los conceptos desarrollados por nuestros interlocutores”. Por tudo isso, entendo a etnografia não enquanto um método, mas uma teoria vivida, que coloca em evidência a questão da alteridade tanto do(a/e) antropólogo(a/e) quanto das referências vivas, em uma relação que envolve teorização e coteorização.

Contudo, esse caminho parte de uma das possibilidades de se fazer trabalho de campo. Neste caso, optou-se por seguir pelas redes sociais, pelo seguinte motivo: ainda estamos em um período de transição entre o pandêmico e o endêmico, por conta do vírus da COVID-19. Nisto, enquanto pesquisadores, somos um fator de risco para as referências vivas e devemos estar atentos a isso. Enquanto toda a população não estiver vacinada ou houver qualquer fator de risco, devemos procurar meios de evitar a propagação do vírus. Um desses meios é o uso de máscara, que foi a estratégia escolhida para a realização desta pesquisa até que haja controle total da COVID-19. O caminho escolhido pelo pesquisador para o andamento da pesquisa foi o uso das redes sociais na internet. No entanto, é importante considerar que, para Hine²³, que defende uma abordagem multimodal para uma etnografia na internet, não existe uma fronteira clara entre o online e o offline, pois muitas vezes essas “fronteiras” se cruzam e dialogam entre si.

No caminho dessa pesquisa, pensou-se em acessar o ciberespaço, distribuindo questionários via *Google Forms* para, posteriormente, escolher os sujeitos que participarão da pesquisa, sendo estes trabalhadores e consumidores. Após o recebimento das respostas, o pesquisador entrará em contato com as referências vivas escolhidas para definir em qual plataforma as entrevistas serão realizadas. Estas terão duração de 30 a 90 minutos.

Essa forma constitui um dos caminhos possíveis para a realização de parte do trabalho de campo. Porém, como não existe uma fronteira clara entre o offline e o online, o desenvolvimento da pesquisa pela internet é feito pelo acompanhamento das redes sociais das cozinhas de “Pit-Dog” da rua 10. À vista disso, o pesquisador também pode usar aplicativos de entrega ou ir presencialmente ao local, desde que siga as devidas recomendações de proteção: o uso de máscaras, acompanhado do frasco de álcool em gel para uso quando necessário.

Ao visitar o local para comer, o(a/e) antropólogo(a/e) deve se manter em um lugar aberto, retirando a máscara apenas no momento de degustar o alimento. Essa

parte, de ir presencialmente ao local, pode acontecer, dependendo da situação do controle do vírus da COVID-19. Isso porque uma das principais questões envolvidas na realização de uma etnografia é a experiência em campo do(a/e) antropólogo(a/e), e parte dessa experiência é saborear a comida. Quando se trabalha com cozinha, experimentar os pratos é muito importante. Descrever sabores e aromas na dissertação, tornar-se um fator enriquecedor – o sentir em relação a algo.

A experiência do pesquisador é um dos fatores que orientam as escolhas teóricas do(a/e) antropólogo(a/e). No caso, ela se constrói também navegando nas redes sociais e deve ser descrita no texto. Nesse sentido, Hine²³ entende a etnografia como uma metodologia adaptativa, que pode mudar de acordo com o andamento do campo. Porquanto, é necessário entender a internet como algo incorporado ao cotidiano dos sujeitos, oferecendo espaços para criação de comunidades, carregando expectativas de comportamento e funcionando também como formadora de identidades. Assim como na vida presencial, o ciberespaço está conectado às pessoas. Estabelecer relações ou conexões é parte diária da vida dos sujeitos, e, a partir dessas relações, pode-se firmar ligações entre as variáveis: memória, identidade e cidade.

Por fim, o pesquisador escolheu esse caminho para realizar a pesquisa devido à variável da COVID-19, que se apresenta como um fator relevante no campo. Entendendo a etnografia como adaptativa, que envolve teoria e prática enquanto uma teoria vivida, abarcando as coteorizações que podem surgir ao longo do campo de pesquisa. Cabe destacar que, ao longo do texto, podem surgir outras questões além daquelas inicialmente previstas. Por isso, o(a/e) antropólogo(a/e) deve estar preparado(a/e) para lidar com o que pode surgir.

À vista disso, na dissertação, o pesquisador colocará todas as suas vivências em campo, incluindo as dificuldades encontradas, entre outras questões. Contudo, or(a/e) leitor(a/e) deve entender que será pesquisado apenas uma parte de tudo que esse tema tem a oferecer.

SERVINDO O “X-SALADA”

Ao longo do texto, é possível notar as variáveis que envolvem a pesquisa em questão, tais como o problema, os caminhos da pesquisa e outras questões relevantes. A partir da apresentação dessas variáveis, o(a/e) leitor(a/e) pode

entender algumas questões que poderão ser levadas ao campo de pesquisa. Assim, busca-se realizar a pesquisa com o intuito de responder o problema de pesquisa, que é: como se dá a construção da memória e da identidade social em relação à cozinha de “Pit-Dog” e sua ligação com a cidade e a Rua 10?

O objetivo principal é compreender e analisar o espaço sociocultural relacionado à cozinha de “Pit Dog” e como isso impacta na vida das referências vivas.

A partir dos termos identificados pelo leitor(a/e) ao longo do texto, é possível traçar uma das maneiras de executar uma pesquisa de cunho antropológico. Para isso, foram apresentados conceitos que dialogam com o tema e, em seguida, o(a/e) pesquisador(a/e) estabeleceu um diálogo com as referências vivas e suas coteorizações. Em uma relação marcada pela alteridade e pela troca de conhecimentos sobre o tema, torna-se possível desenvolver um trabalho significativo, que contribua para a cidade e sua população, ao entender o significado da cozinha de “Pit-Dog” e as questões que perpassam por esse tema. Para isso, é fundamental atentar-se à memória construída afetivamente em relação a comida e também a própria identidade na cidade.

Magnani²⁴ aponta que a cidade é um lugar de heterogeneidade, no qual existe uma grande diversidade. Contudo, essa diversidade está condicionada a disputas de identidade que, no caso do “ser goiano”, muitas vezes estão ligadas ao consumo de certos tipos de alimentos, como a pamonha, o pequi, os sanduíches de “Pit-Dog”, entre outros. Essas comidas perpassam uma memória afetiva que, segundo Pertile⁽¹⁸⁾, pode ser compreendida como *comfort food*, que são comidas que remetem a momentos marcantes em sua vida.

Nesse contexto, a memória social das referências vivas constrói sentimentos em relação à comida e as suas receitas, sendo também um ponto de partida para formar identidades. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado na etnografia de Collaço⁹, que coloca o “ser italiano” e as disputas envolvidas na formação dessa identidade através de memórias coletivas entre imigrantes. Em seu estudo, Collaço mostra como os italianos tentavam definir o “ser italiano” através da cozinha italiana na cidade de São Paulo, em um processo de negociação e disputa envolvendo autenticidade e culinária. Essas disputas foram se intensificando ao longo do tempo,

e Collaço⁹ identifica essas mudanças a partir da disputa da identidade do “Ser italiano” em sua etnografia.

Neste trecho, quero mostrar parte do que estava sendo desenvolvido no artigo do começo de 2021, em plena pandemia, e compartilhar as reflexões que eram pensadas naquela época. O objetivo é destacar a importância de se estudar a cozinha e tudo o que ela tem a oferecer. Não há história que não envolva, de algum modo, o ato de cozinhar e, muitas vezes, é deixado de lado sua contribuição para a história. Nisto, ao pensarmos na formação da capital goiana, é possível perceber as inúmeras cozinhas de “Pit-Dog” espalhadas por Goiânia, a ponto da cidade ter sido noticiada por alguns jornais como a “cidade dos Pit-Dogs”. Diante disso, torna-se relevante considerar a contribuição da cozinha de “Pit-Dog” para a constituição da cidade.

Este estudo, portanto, busca revelar a relação das referências vivas com a cozinha e com tudo o que ela envolve, além de apresentar suas memórias enquanto parte de uma biografia oral que ajuda a formar a identidade do “ser goiano”. A pesquisa pretende ainda apresentar o contexto sociocultural da Rua 10, espaço central para compreender essas dinâmicas.

Com isso, termino esse texto escrevendo que outras questões podem aparecer ao longo do trabalho de campo, pois o campo fala, e cabe a nós, enquanto antropólogos(a/e), escutá-lo e adaptar nossas pesquisas sempre que necessário. Porquanto, é fundamental estar atento(a/e) a cada questão trabalhada durante o processo etnográfico. Por fim, é importante ressaltar que esta pesquisa representa apenas uma parte do que pode ser estudado sobre o tema.

REFERÊNCIAS

1. Velho G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: Velho G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003. p. 11-30.
2. Frehse F. A rua no Brasil em questão (etnográfica). Anuário Antropológico. 2013;2. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/572>.
3. Mello MM. Goiânia: cidade de pedras e palavras. Goiânia: Editora da UFG; 2006.
4. Lima Filho MF, Machado LA, organizadores. Trilhas patrimoniais de Goiânia: formas e tempos da cidade. Goiânia: Cãnone Editorial; 2007. p. 243-58.
5. Barbosa FAC, Collaço JHL. Do encontro de patrimônios alimentares em Goiás: formação cultural da cozinha vilaboense e seu consumo turístico contemporâneo. In: Pires MC, Magalhães SM, organizadores. A cozinha brasileira e o patrimônio cultural: história, hospitalidade e turismo. 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas; 2018. p. 251-82.

6. Pollack M. Memória e identidade social. *Estud Hist.* 1992;5(10):200-12. Disponível em: <http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>
7. Pollack M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estud Hist.* 1989;2(3):3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/argtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf
8. Bosi É. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.
9. Collaço JHL. Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2007.
10. Alsayyad N. The end of tradition, or the tradition of endings? In: Alsayyad N, editor. *The end of tradition*. London: Routledge; 2004.
11. Abdala MC. Práticas sustentáveis temperadas por memórias e experiências. *Rev Ingesta*. 2019;1(1):159-71. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/152324/151746>
12. Anderson B. Introdução. In: Anderson B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2008.
13. Da Redação. De autoria da vereadora Sabrina Garcez declara pit-dogs como patrimônio cultural imaterial. Goiânia; 2021 Jun 9. Disponível em: <https://www.goiania.go.leg.br/sala-de-imprensa/noticias/de-autoria-da-vereadora-sabrina-garcez-goiania-declara-pit-dogs-da-capital-como-patrimonio-cultural-imaterial>
14. Agência Assembleia de Notícias. Sancionada lei de Adriana Accorsi que torna pit dog patrimônio cultural imaterial de Goiás. Goiânia; 2020 Oct 8. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/113063/sancionada-lei-de-adriana-accorsi-que-torna-pit-dog-patrimonio-cultural-imaterial-de-goias>
15. Martins GS. *PIT-DOG: uma análise do processo de reconhecimento patrimonial através do projeto de lei número 104 de abril de 2018* [monografia]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás; 2019.
16. Velho G. Introdução. In: Velho G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003. p. 7-10.
17. Zukin S. The social production of urban cultural heritage: identity and ecosystem on an Amsterdam shopping street. *City Cult Soc.* 2012;3(4):281-91. doi:10.1016/j.ccs.2012.10.002
18. Pertile K. Em pratos limpos: as comidas de rua do brique da redenção [dissertação]. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul; 2014.
19. Restrepo E. *Etnografía: alcances, técnicas y éticas*. Bogotá: Envión Editores; 2016. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/libro-etnografia.pdf>
20. Peirano M. Etnografía ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*. 2008;2. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>
21. Peirano M. Etnografía não é método. *Horiz Antropol.* 2014;20(42):377-91.
22. Rappaport J. Más allá de la escritura. La epistemología de la etnografía em colaboración. *Rev Colomb Antropol.* 2007;43:197-229. Disponível em: https://www.humanas.unal.edu.co/colantropos/files/9114/7414/9089/Mas_alla_de_la_escritura_Rappaport.pdf
23. Hine C. A internet 3E. Uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cad Campo*. 2020;29(2):1-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>
24. Magnani JGC. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani JGC. *Na metrópole: textos sobre antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2000. p. 12-53.